



REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS NO MEIO RURAL: TRANSFORMAÇÕES PELO ACESSO À INTERNET

**Andressa Sanssanoviez
Hieda Maria Pagliosa Corona**

Resumo

A contemporaneidade traz consigo uma série de transformações, como o distanciamento do espaço e tempo estimulando as relações sociais a distância e por conseguinte, a produção social de riscos. O objetivo deste artigo é compreender as transformações sociais geradas pela era moderna, tendo como objeto de estudo o uso da Internet no meio rural. A pesquisa foi desenvolvida com base na revisão de literatura, bem como em pesquisa de campo, realizada no município de Xaxim/SC, comunidade de Vila Tigre. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, com a participação de representantes de grupos/lideranças do local. O estudo verificou que a Internet facilita a troca de informações entre os atores, atuando como uma ferramenta de comunicação e informação dentro da comunidade e também fora dela. No entanto, ao mesmo tempo em que oferece possibilidades de comunicação ágil com pessoas distantes, pode causar o afastamento nas relações locais.

Palavras-chave: Redes. Rural. Internet. Relações Sociais.

Introdução

A modernidade tem oferecido a possibilidade de mobilizar atores sociais, humanos e não humanos como jamais havia sido possível em períodos anteriores. As transformações geradas pela modernidade estabeleceram interconexões que cobrem o globo e os modos de vida se diferem de todos os tipos tradicionais.

A contemporaneidade afasta o espaço do tempo e oportuniza relações a distância, de maneira especial, a partir do advento da Internet. Neste cenário, as relações sociais são moldadas não apenas pelo que apresenta-se no local, mas também por influências sociais distantes.

O objetivo deste estudo é compreender as transformações sociais geradas pela Modernidade, direcionando as discussões para o uso da Internet no meio rural. A partir desse pressuposto, o presente artigo apresenta a seguinte estrutura: na próxima seção será



abordado o conceito de modernidade bem como as transformações geradas no espaço e tempo; na sequência tratar-se-á o processo de desencaixe dos sistemas sociais e os riscos gerados pela modernidade; na seção seguinte abordaremos como ficam os vínculos sociais com a virtualidade, e, por fim, serão apresentados os resultados da pesquisa realizada com lideranças da comunidade de Vila Tigre, Xaxim/SC.

As Transformações da Era Moderna

O sociólogo Anthony Giddens (1991) associa a modernidade a um período de tempo e uma localização geográfica inicial. “[...] Modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, 1991, p.11). No entanto, diz o autor, isso não trata de forma a penetrar nas características desta era, pois seria preciso “abrir a caixa preta” para entender de forma mais complexa a modernidade.

Latour (1994), por sua vez, afirma que a modernidade possui tantos sentidos quanto forem os jornalistas e pensadores, mas todas as definições indicam para a passagem do tempo.

Através do adjetivo moderno, assinalamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo. Além disso, a palavra encontra-se sempre colocada em meio a uma polêmica, em uma briga onde há ganhadores e perdedores, os Antigos e os Modernos. “Moderno”, portanto, é duas vezes assimétrico: assinala uma ruptura na passagem regular do tempo; assinala um combate no qual há vencedores e vencidos (LATOURE, 1994, p. 15).

De acordo com Giddens (1991) muitas pessoas dizem que estamos no limite de uma nova era (final do século XX), sendo que uma variedade de termos tem sido sugerida para esta transição, alguns dizem que está emergindo um novo tipo de sistema social, “sociedade da informação” ou “sociedade de consumo”, mas a maioria sugere que estamos chegando a um encerramento (“pós-modernidade”, “sociedade pós-industrial”). No entanto, Giddens (1991, p. 13) considera que, “em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes”.



A constituição da modernidade forneceu aos modernos a possibilidade de mobilizar pessoas e coisas de uma maneira que jamais havia sido possível. No entanto, segundo Latour (1994, p. 45-46), isso não ocorreu através da separação dos humanos e não-humanos, como os modernos acreditam, mas ao contrário, pela sua mistura. “Foram gerados pela ligação do trabalho de purificação e do trabalho de mediação, mas só atribuem os motivos de seu sucesso ao primeiro”.

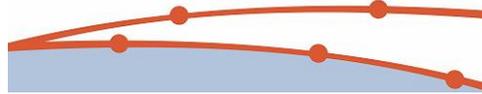
Latour (1994, p. 09) afirma que somos híbridos, meio engenheiros, meio filósofos, e formamos uma rede que está em constante movimento, “nosso meio de transporte é a noção de tradução ou de rede”. O saber se constitui através das redes, das relações, mediações, e é por esse motivo que não podemos dividir humanos e não humanos, pois anula a ideia de sujeito/objeto.

De acordo com Callon (2004), as inovações criam vínculos entre grupos, o que resulta na formação de uma rede sócio técnica. Essas redes são formadas por humanos e não-humanos e é isso que faz sua força e robustez. Conforme o sociólogo, “nossas sociedades devem sua robustez e sua durabilidade tanto às coisas a aos objetos, tanto às técnicas e às máquinas quanto às normas e aos valores” (CALLON, 2004, p. 71-72).

Segundo Latour (1994), jamais fomos modernos, pois a constituição explicava tudo, mas esquecia o que estava no meio. Para Latour (1994, p. 43), “tudo acontece no meio, tudo transita entre as duas, tudo ocorre por mediação, por tradução e por redes, mas este lugar não existe, não ocorre. É o impensado, o impensável dos modernos”. Dessa forma, o cientista afirma que quanto menos os modernos se consideram misturados, mais se misturam e estão inseridos em redes.

Giddens (1991) analisa que os modos de vida da modernidade nos desprenderam de todos os tipos tradicionais de ordem social. As transformações da modernidade estabeleceram formas de interconexão social que cobrem o globo.

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana (GIDDENS, 1991, p. 14).



Portanto, a modernidade desprende o espaço do tempo, estimulando relações entre ausentes, distantes do local e das relações face a face. O local não é somente o que está na cena, de forma visível, mas também as relações ocultas que se formam a distância. Conforme Giddens (1991, p. 29), “em condições de modernidade, o lugar torna-se cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais, são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles”.

Na perspectiva de Escobar (2005), mesmo que a identidade do lugar seja construída e nunca fixa, o lugar continua sendo importante para a maior parte das pessoas, pois existe um sentimento de pertencimento que é mais importante do que queremos admitir. O autor afirma que a crítica ao lugar tem sido relevante e de fato a dinâmica da cultura e da economia foram alteradas por processos globais.

Nos últimos anos, o lugar desapareceu no “frenesi da globalização”, este enfraquecimento traz consequências para o entendimento de uma série de fatores, como a cultura, o conhecimento, natureza, e a economia. Para Escobar (2005, p. 69) “talvez seja o momento de reverter algumas destas assimetrias ao enfocar novamente a constante importância do lugar e da criação do lugar, para a cultura, a natureza e a economia [...]”.

O desaparecimento do lugar está relacionado à assimetria entre global e local, presente na maior parte da literatura contemporânea:

[...] o global está associado ao espaço, ao capital, à história e à ação humana, enquanto o local, contrariamente, é vinculado ao lugar, o trabalho e as tradições, assim como sucede com as mulheres, as minorias, os pobres e poder-se-ia acrescentar, às culturas locais (ESCOBAR, 2005, p. 76).

Escobar (2005) sugere que é necessário ampliar a investigação sobre o lugar para compreender pontos bem mais amplos, como o lugar e as relações sociais, o lugar e a identidade, o híbrido, o impacto da tecnologia digital, especialmente a Internet, no lugar, entre outras questões.

Giddens (1991) observa que ao mesmo tempo em que as relações sociais são esticadas, existe a pressão para a autonomia local e fortalecimento da cultura e identidade regional. Ou seja, observa-se uma situação contraditória, considerando que o fortalecimento da cultura local necessita de trocas e relações próximas entre esses atores.



De acordo com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001), a modernidade inicia quando espaço e tempo são separados em categorias diferentes e independentes. Quando deixam de ser como eram ao longo dos séculos, entrelaçados e distintos.

Na perspectiva de Callon (2004), a rede permite passar do local ao global, do micro ao macro. No entanto, o macro não existe fora do local. O local fabrica ao mesmo tempo generalidade e particular. “[...] Você pode ser local, valorizar um patrimônio regional e pode, no mesmo movimento, participar da construção de uma rede mundial” (CALLON, 2004, p. 78). O global deve ser entendido como redes que se emaranham e se estendem, “o global não existe em parte alguma: local é aquele que não sabe alongar suas redes. Noé é local que se torna global” (CALLON, 2004, p. 78).

A noção de rede permite, a princípio, escapar à oposição, ela mesma paralisante, entre o local e o micro, de um lado, e o global ou o macro, do outro. Essa tensão, presente em toda parte, é constitutiva do mundo moderno. Este vê como se enfrentam o apego à tradição e a valorização dos patrimônios contra a globalização e a uniformização. A região contra o mundo, os particularismos contra o universalismo. O mundo moderno é aquele que cria um espaço comum, homogêneo e que só pode conseguir isso anulando as diferenças (CALLON, 2004, p. 77).

Callon (2004) explica que o que torna uma rede forte é o fato de cada ponto da rede se apoiar em outros pontos. É através da adição de fraquezas umas com as outras que a rede local se torna forte. “Trata-se de fazer alianças e de criar relações. A política não é mais do que isso: a arte de compor redes, de ligar pontos uns com os outros [...]” (CALLON, 2004, p. 78). Além disso, as redes permitem a coordenação dos movimentos de conjunto com iniciativa local.

A separação entre tempo e espaço é de extrema importância para o dinamismo da modernidade. Essa divisão é condição para o processo de desencaixe. “A separação entre tempo e espaço e sua formação em dimensões padronizadas, “vazias”, penetram as conexões entre a atividade social e seus “encaixes” nas particularidades dos contextos de presença” (GIDDENS, 1991, p. 30). Nessa perspectiva, as instituições modernas tem a capacidade de conectar o local e o global, de maneira inimaginável em sociedades mais tradicionais.



Desencaixe dos Sistemas Sociais

O desencaixe é compreendido por Giddens (1991, p. 31-32) como um “[...] “deslocamento” das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo e espaço”. Existem dois tipos de desencaixe envolvidos no desenvolvimento dos sistemas sociais modernos; são a criação de fichas simbólicas e estabelecimento de sistemas peritos.

Para Giddens (1991, p. 32), fichas simbólicas são “[...] meios de intercâmbio que podem ser “circulados” sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular”. O autor exemplifica as fichas simbólicas com o dinheiro, que possibilita operações entre agentes separados no tempo e espaço. Giddens (1991) afirma que a condição de desencaixe proporcionada pelas economias monetárias é muito maior que durante as civilizações pré-modernas onde já havia dinheiro.

Os sistemas peritos são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (GIDDENS, 1991, p. 37-38). O autor cita o exemplo dos sistemas peritos da seguinte forma; quando entramos num carro, ele está completamente envolvido em um conhecimento perito que envolve o projeto e construção do automóvel, estradas e muitos outros itens. Embora exista o risco de acidente, por exemplo, confiamos na perícia.

Os sistemas peritos e as fichas simbólicas são mecanismos de desencaixe pois retiram as relações sociais das mediações do contexto, além de promover a separação entre tempo e espaço. Conforme Giddens (1991, p. 39) “um sistema perito desencaixa da mesma forma que uma ficha simbólica, fornecendo “garantias” de expectativas através do tempo-espaço distanciados”.

Nessa perspectiva, Giddens apresenta suas reflexões em relação aos mecanismos de desencaixe.

Minhas teses gerais serão as de que todos os mecanismos de desencaixe interagem com contextos reencaixados de ação, os quais podem agir ou para sustenta-los ou para solapá-los; e de que os compromissos sem rosto estão vinculados de maneira ambigualmente análoga àqueles que exigem a presença do rosto (GIDDENS, 1991, p. 92).



Giddens (1991) explica que em todas as culturas, as práticas sociais são frequentemente alteradas por novas descobertas, mas somente na era da modernidade essa revisão ocorre de maneira tão radicalizada, aplicando-se à todos os aspectos da vida humana, inclusive à interferência das tecnologias. Para Giddens (1991, p. 154), “o advento da mídia eletrônica sem dúvida acentuou estes aspectos de deslocamento, na medida em que enfatiza a presença tão instantaneamente e a tanta distância”.

Os cenários culturais e de informação globalizados, em que estamos inseridos, são características de deslocamento, isso significa que familiaridade e lugar estão menos associados do que já estiveram. Conforme Giddens (1991, p. 154-155), “os mecanismos de desencaixe tiram as relações sociais e as trocas de informação de contextos espaço temporais específicos, mas ao mesmo tempo propiciam novas oportunidades para sua reinserção”.

Giddens (1991) chama a atenção para o fato de que todos os mecanismos de desencaixe, as fichas simbólicas e sistemas peritos, necessitam da confiança, e dessa forma, ela está profundamente envolvida com as instituições da modernidade.

A confiança é conceituada por Giddens (1991) através de diversas características, dentre as quais destacamos as seguintes: está relacionada à ausência no tempo e espaço, não haveria a necessidade de confiar em alguém ou num sistema cujos procedimentos fossem inteiramente conhecidos; está vinculada não ao risco, mas à contingência, a confiança está relacionada a credibilidade em face de resultados contingentes; é diferente da fé de uma pessoa ou sistema, ela deriva dessa fé. Dessa forma, Giddens chega ao seguinte conceito:

A confiança pode ser definida como crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico) (GIDDENS, 1991, p. 45).

Giddens (1991) considera que a confiabilidade em relação às fichas simbólicas e os sistemas peritos se estabelece de duas formas. Existe aquela entre indivíduos que se conhecem bem e mantém um relacionamento de longo prazo, o que tornou um fidedigno ao outro. A confiabilidade relativa aos mecanismos de desencaixe é diferente, mesmo que a fidedignidade seja ainda central. Em certas ocasiões, a confiança em sistemas abstratos, ou seja, nos compromissos sem rosto que dizem respeito a fé em fichas simbólicas ou sistemas



peritos, não presume encontro algum com o grupo ou indivíduo responsável por determinada ação.

O encontro entre representantes dos sistemas abstratos e atores leigos pode acontecer por meio de pontos de acesso dos sistemas abstratos. Para Giddens (1991, p. 100), “pontos de acesso são pontos de conexão entre indivíduos ou coletividades leigos e os representantes de sistemas abstratos. São lugares de vulnerabilidade para os sistemas abstratos, mas também junções nas quais a confiança pode ser mantida ou reforçada”.

Giddens (1991) reitera que o encontro com indivíduos de sistemas abstratos podem assumir características de confiabilidade direcionando o relacionamento para a amizade e intimidade. Neste caso, o autor utiliza o exemplo de um médico ou dentista com o qual há um relacionamento regularmente por um período de anos. Entretanto, muitos encontros entre indivíduos de sistemas abstratos são mais transitórios.

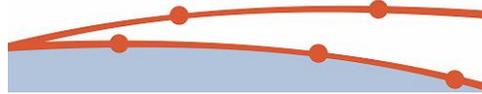
Neste cenário de modernidade, Giddens (1991) considera que as relações de confiança entre os atores são básicas para o distanciamento tempo-espaco e a confiança em sistemas se dá na forma de compromissos sem rosto. No entanto, a modernidade fez surgir uma série de riscos, onde persiste certo equilíbrio entre confiança e risco, segurança e perigo.

Riscos da Modernidade

A modernidade é um fenômeno de dois gumes, afirma Giddens (1991). As instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades para os seres humanos usufruir de uma existência segura, mas a modernidade tem um lado sombrio que se tornou aparente no século XX. Exemplo disso são as ameaças de confronto não apenas nuclear, mas também militar entre superpotências. Para o autor, o mundo hoje é carregado e perigoso, o que enfraquece a suposição de que a modernidade levaria a uma ordem social mais segura (GIDDENS, 1991).

De acordo com o sociólogo Ulrich Beck (2010, p. 23) “na modernização tardia, a produção social de riqueza é acompanhada sistematicamente pela produção social de riscos”. Consequentemente, os problemas de distribuição da sociedade da escassez, sobrepõem-se aos problemas emergidos pela produção, definição e distribuição de riscos científico-tecnológico.

A passagem da distribuição de riqueza na sociedade da escassez para a distribuição de riscos na modernidade tardia, está relacionada a duas condições, afirma Beck (2010). A



primeira refere-se ao nível alcançado pelas forças produtivas humanas e tecnológica, e pelas garantias e regras jurídicas, o que reduziu a carência alimentar. A segunda condição está relacionada às forças produtivas crescentes no processo de modernização, que desencadeiam riscos de auto ameaça de uma maneira até então desconhecida.

Beck (2010) exemplifica o nível de ameaças fazendo uma comparação; se fossemos fazer um passeio em uma cidade medieval, provavelmente teríamos o nariz açoitado. O que Beck quer dizer é que as ameaças da época podiam ser sensorialmente perceptíveis, enquanto os riscos atuais geralmente escapam de nossa percepção. Muitos dos efeitos dos novos riscos podem somente afetar a vida de nossos descendentes.

Cada vez mais estão no centro das atenções ameaças que com frequência não são nem visíveis nem perceptíveis para os afetados, ameaças que, possivelmente, sequer produzirão efeitos durante a vida dos afetados, e sim na vida de seus descendentes, em todo caso ameaças que exigem os “órgãos sensoriais” da ciência – teorias, experimentos, instrumentos de mediação – para que possam chegar a ser “visíveis” e interpretáveis como ameaças (BECK, 2010, p. 32).

As ameaças e riscos da atualidade diferem-se dos medievais, conforme Beck (2010, p. 26), “são riscos da modernização.” São produto do maquinário industrial do progresso, que se agravam sistematicamente com o processo de desenvolvimento, afetando, por conseguinte, as relações sociais.

A Virtualidade

O advento da virtualidade torna os vínculos humanos mais frequentes e banais, fortes e breves, centrados na mensagem digitada e lida. Esses contatos exigem menos tempo para serem estabelecidos e também para serem rompidos. A distância não é obstáculo para o contato e nem para o distanciamento (BAUMAN, 2004).

Bauman (2004) descreve uma cena recorrente no final da década de 1990, enquanto passa um tempo em um café em São Francisco. Ele observa:

A mãe está amamentando o bebê. Os garotos estão beliscando seus bolinhos, em suas cadeiras, com os pés balançando. E lá está o pai, ligeiramente reclinado sobre a mesa, falando ao celular... Deveria ser uma "revolução nas comunicações", e no entanto aqui, no epicentro



tecnológico, os membros dessa família estavam evitando os olhares uns dos outros (BAUMAN, 2004, p. 38).

O sociólogo afirma que seria tolo culpar as tecnologias eletrônicas pelo distanciamento da proximidade pessoal, face a face, direta. No líquido mundo moderno a proximidade virtual ostenta características vistas como vantajosas. Além disso, a solidão por trás de uma porta fechada e um telefone parece ser menos arriscada do que partilhar um espaço comum (BAUMAN, 2004).

Apesar da facilidade da comunicação eletrônica, que ganha em rapidez, Bauman (2004, p. 64), acredita que a troca de experiências e a compreensão mútua são necessárias, “[...] empresários e acadêmicos continuam viajando, visitando-se e se encontrando em conferências”. Conforme o autor, se a comunicação se limitasse a transferência de informação, sem a “fusão de horizontes”, na atual era da internet, o contato físico e compartilhamento “[...] de espaço e experiências teriam se tornado redundantes. Mas não se tornaram, e até agora nada indica que isso ocorrerá” (BAUMAN, 2004, p. 64).

De acordo com Bauman (1999), a globalização é a palavra que está na moda, e para alguns é o que devemos fazer para ter felicidade, para outros, é a causa da infelicidade. No entanto, para todos, a globalização é o destino do mundo. “Estamos todos sendo “globalizados” — e isso significa basicamente o mesmo para todos”. Nessa perspectiva, o autor afirma que “a globalização tanto divide como une; divide enquanto une — e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo” (BAUMAN, 1999, p. 07).

A história da modernidade foi marcada pelo progresso dos meios de transporte, em especial o transporte da informação. Conforme Bauman, foram desenvolvidos meios técnicos que possibilitaram a informação viajar independente dos portadores físicos.

A separação dos movimentos da informação em relação aos movimentos dos seus portadores e objetos permitiu por sua vez a diferenciação de suas velocidades; o movimento da informação ganhava velocidade num ritmo muito mais rápido que a viagem dos corpos ou a mudança da situação sobre a qual se informava. Afinal, o aparecimento da rede mundial de computadores pôs fim — no que diz respeito à informação — à própria noção de “viagem” (e de “distância” a ser percorrida), tornando a informação instantaneamente disponível em todo o planeta, tanto na teoria como na prática (BAUMAN, 1999, p. 21-22).



Quando a distância passou a depender da tecnologia, meios artificiais de transporte, todos os limites da velocidade foram transgredidos. “Apenas o céu [...] era agora o limite, e a modernidade era um esforço contínuo, rápido e irrefreável para alcançá-lo” (BAUMAN, 2001, p. 16). Por meio de sua flexibilidade, o tempo moderno se tornou um instrumento para a conquista do espaço.

A Contemporaneidade no contexto Rural

A modernidade, através das tecnologias de transporte de informação, também pode ser observada em áreas rurais. O que comprova este cenário é o Censo Agropecuário 2017. Conforme os dados preliminares divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o acesso à Internet cresceu 1.790,1% desde 2006. Em 2017, 1.425.323 produtores declararam ter acesso à Internet, enquanto em 2006, eram apenas 75 mil. Conforme os dados, o acesso ao telefone também aumentou, passando de 1,2 milhão em 2006, para 3,1 milhões de estabelecimentos rurais com acesso ao telefone em 2017, um acréscimo de 158%. Os dados refletem para o aumento nas interações virtuais em áreas rurais.

Com o intuito de verificar como a modernidade, por meio da Internet, interfere nas relações sociais no meio rural, foi realizada uma pesquisa na comunidade de Vila Tigre, localizada no município de Xaxim/SC. Foram realizadas cinco entrevistas com representante do clube de mães, grupo de idosos, clube esportivo, coordenador do conselho da comunidade e gerente de uma cooperativa localizada na comunidade. A coleta de dados ocorreu através de entrevista semiestruturada.

A pesquisa verificou que todos os entrevistados têm acesso e utilizam Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs): internet, TV, rádio, telefone celular e computador e por esses meios ocorre a inter-relação entre atores humanos e não-humanos. Considerando os estudos de Latour (1994), é através das redes, das relações e mediações, entre os atores humanos e não-humanos que o saber se constitui. E neste cenário, o celular, o computador, a internet são atores não-humanos que promovem ações de outros actantes, os humanos. Estes, por sua vez, ao acessar, promovem também ações que interferem no local e no global ao mesmo tempo, participam ativamente da construção desta rede.

Estamos inseridos em uma imensa rede, que afeta e é afetada a todo momento por inúmeros atores. Durante a coleta de dados os entrevistados disseram que a Internet contribui de forma significativa para a comunicação, e muitas vezes evita a locomoção. “Hoje se torna



mais fácil, você não precisa ir de casa em casa, você manda um whatsapp, ou dá uma ligada, a informação chega mais rápido.” Observa-se que as práticas sociais e relações face a face são muitas vezes substituídas pela facilidade do contato virtual. Nesta perspectiva as reflexões de Giddens (1991) podem ser compreendidas quando o autor afirma que as práticas sociais são alteradas por novas descobertas. Assim como ocorreu com o automóvel, o rádio, o advento da internet acentuou aspectos de deslocamento, na medida em que destaca a presença instantânea mesmo à distância.

A agilidade da Internet auxilia o contato com pessoas distantes, no entanto, pode impactar nas relações próximas, principalmente familiares. Um dos entrevistados relata essa situação com um exemplo. “Não é como antigamente que a gente olhava olho no olho. Hoje tem que chamar um no quarto que está na internet, outro que está no vídeo game, outro que está no celular, outro que está na televisão, então é um pouco difícil. Antigamente não tinha isso, a gente sentava numa roda e tratava das coisas. Esses dias, até tava brincando, a minha mulher para falar com o meu filho no quarto tava com o whatsapp mandando mensagem, porque ele não saía do quarto, então isso influencia na parte negativa”. Este trecho torna-se muito semelhante ao que Bauman (2004) descreveu no final da década de 1990 em São Francisco. Ele observou a cena em que; a mãe amamentava o bebê, os garotos beliscavam seus bolinhos, e o pai falava ao celular, chegando à conclusão que os membros dessa família estavam evitando os olhares uns dos outros.

Entre os entrevistados foi mencionado o risco, relacionado principalmente à internet. Um dos participantes disse que nem todas as informações que chegam são verdadeiras, ou seja, trazem uma série de dúvidas. “A gente não sabe quem está do outro lado, você está conversando com alguém mas, será que é ou não é?” Nessa perspectiva, pode-se relacionar as reflexões de Beck (2010), o qual afirma que a modernização é acompanhada pela produção social de riscos, no entanto, as ameaças atuais geralmente não são visíveis. Atualmente, observa-se uma grande quantidade de notícias falsas no ambiente da internet, influenciando a produção e disseminação de uma série de riscos.

Quando nos apropriamos do conceito de confiança apresentado por Giddens percebe-se uma mudança da confiança pelas relações face a face, as quais modificam-se através dos desencaixes. As relações à distâncias, mediadas por objetos técnicos, conformam uma rede em que a confiança muda de caráter, ela passa a desenvolver-se em sistemas abstratos, onde não pressupõe nenhum encontro entre os indivíduos.



Entre as mudanças geradas pelo acesso à internet, para os agricultores significou uma série de oportunidades e benefícios, como conversar com pessoas mais distantes e obter informações em tempo real, o que não era possível antes da internet. “Hoje você tem acesso a tudo que é informação já. Por exemplo, desde a previsão do tempo, antes você precisava ficar escutando o rádio, esperando, hoje a hora que você quer saber você pode ter acesso a hora que você quiser”.

Além das facilidades de comunicação e acesso à informação, a internet tem auxiliado na gestão dos estabelecimentos rurais, proporcionando aos agricultores executar ações que antes não eram possíveis. Um dos participantes da pesquisa relatou que hoje não é necessário ir ao banco, por exemplo, para fazer um pagamento. “Hoje você não necessita ir na fila do banco, pagar um boleto, hoje você faz tudo em casa, tendo computador, celular e internet você não precisa ir até o banco e enfrentar fila, as vezes ficar uma hora na fila como já aconteceu de enfrentar. E você paga as tuas contas em casa e isso ajuda”. Percebe-se, portanto, que a internet também tem sido utilizada de inúmeras formas que ultrapassam os aspectos informacionais.

A internet trouxe uma série de transformações, entre os participantes foram mencionados benefícios e também dificuldades. Neste contexto, observa-se que a modernidade, principalmente através da Internet, pode trazer implicações para as relações sociais, neste caso, ao meio rural. Ao mesmo tempo em que oferecem possibilidades de comunicação, troca de informações, agilidade, também podem causar afastamento e riscos que poderiam ser menos comuns nas relações face a face.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi compreender as transformações sociais geradas pela modernidade, observando o uso da Internet no meio rural. A pesquisa pôde observar que a modernidade afasta o espaço do tempo e favorece as relações a distância.

O estudo verificou que a Internet facilita a troca de informações entre os atores sociais, atuando como uma ferramenta de comunicação e informação dentro da comunidade e também fora dela, além de auxiliar na gestão dos estabelecimentos rurais. Percebeu-se que, por facilitar o contato com pessoas distantes, acaba em muitos casos, por distanciar a própria família, ou seja, pode aproximar quem está longe e distanciar quem está perto.



As transformações geradas pela modernidade afetam diariamente as atividades desempenhadas pelas pessoas, como as ações que estão cada vez mais interligadas, formando uma imensa rede, que mobiliza humanos e não-humanos. Neste cenário, os atores não-humanos; como o celular e a internet, promovem ações e interferem no local e global através dos atores humanos. Observa-se, portanto, que a rede é formada pela relação de mediação de atores humanos e não-humanos que atuam na construção do saber coletivo.

Nesta perspectiva, a Internet surge como um fenômeno de dois gumes, vista como benéfica no sentido de facilitar ações e mobilizar atores, no entanto, pode afetar uma série de valores, trocas, saberes, que é mais comum no contato face a face. Além disso, a ideia do global pode tornar supérfluo os saberes tradicionais, afetando a realidade dos locais.

As inovações tecnológicas modificam a maneira das pessoas se relacionar, tornando os laços sociais uma dicotomia; fortes e breves, frequentes e banais, como afirma Bauman. Ao mesmo tempo em que a Internet trouxe um avanço gigantesco na comunicação, também gerou riscos e desconfiança. Ou seja, pode atuar no sentido de comunicar ou tornar-se uma ferramenta de desconfiança.

Neste cenário de transformações é preciso ter cuidado para que os instrumentos de transporte de informação gerados pela modernidade não tornem frágeis os laços que sustentam as comunidades e organizações sociais. Elementos como cooperação, confiança, reciprocidade permanecem necessários nas relações sociais, mesmo com as transformações que a modernidade trouxe.

Referências

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução Marcus Penchel. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução, Plínio Dentzien. — Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a outra modernidade**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2010.



CALLON, M. **Por uma nova abordagem da ciência da inovação e do mercado: o papel das redes sócio-técnicas.** In: PARENTE, A (org). Porto Alegre: Sulina, 2004.

ESCOBAR, A. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? En libro: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latino-americanas. CLACSO. Buenos Aires, Argentina, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo. Editora Unesp. 1991.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Agência IBGE notícias. **Censo Agro 2017:** resultados preliminares mostram queda de 2,0% no número de estabelecimentos e alta de 5% na área total. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21905-censo-agro-2017-resultados-preliminares-mostram-queda-de-2-0-no-numero-de-estabelecimentos-e-alta-de-5-na-area-total.html>. Acesso em: 29 jul. 2018.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos:** ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro. Editora 34. 1994.